



ASPECTOS GERAIS SOBRE A INFLUÊNCIA DA 'BAMBUZERIA BAMBU DA SERRA' NO SUBDISTRITO DA CHAPADA, MUNICÍPIO DE OURO PRETO, MG

R. L. S. Raimundo¹

A. G. Antonucci¹; C.B. da Costa¹

Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Exatas e Biológicas, Departamento de Ciências Biológicas, Campus Morro do Cruzeiro, 37.490 - 000, Ouro Preto, Brasil rodolfo.raimundo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Durante os últimos séculos a demanda por energia e recursos naturais aumentou em todo mundo, promovendo a abertura de indústrias, hidroelétricas, e exploração de recursos naturais em escalas nunca vistos antes. Como resultado, encontramos uma gama de artigos que relatam a necessidade de recuperação dessas áreas (Majer & Nichols; 1998, Andersen *et al.*, 2003; Izquierdo *et al.*, 2005; Costa *et al.*, 2007) e outros que descrevem a urgência na preservação das matas ainda remanescentes, como as áreas de Cerrado e Mata Atlântica (Arruda, 1999; Mittermeier & Russel, 2000; Santos & Câmara, 2002; Tabarelli *et al.*, 2005).

Os danos ao meio ambiente são notáveis e crescentes no estado de Minas Gerais. É fundamental, além da constatação de quais áreas são mais degradadas, identificar quais variáveis contribuem para o alto índice de degradação atualmente observado (Fernandes *et al.*, 2005). O processo de ocupação humana na região de Ouro Preto-Minas Gerais teve início na época do Brasil colônia. Mas o verdadeiro povoamento ocorreu em diferentes momentos e velocidades. Muito provavelmente a abertura de áreas de pastagem para a criação de gado de corte foi uma das principais causas de desmatamento desses biomas.

A fragmentação, degradação e perda do habitat comportam - se como uma das mais significativas ameaças para a estrutura e persistência de populações e comunidades de fauna e flora nas matas de formação primária (Ewers & Didham, 2006). As pequenas manchas formadas suportam pequenas populações e podem receber pouca ou nenhuma imigração, dependendo diretamente do impacto sofrido por cada uma delas formando assim ilhas isoladas.

Nos últimos anos, tem - se observado uma tensão grande entre ambientalistas, as comunidades locais e o Estado para a concretização de políticas ambientais de conservação, gerando assim conflitos sócios - ambientais (Zhou *et al.*, 2008), como por exemplo a implementação do Parque da Serra do Trovão. A população tradicional do subdistrito de Chapada (pertencente a Ouro Preto), resistiram ao processo de ocupação e foram atualizando suas práticas e vínculos

com o território onde vivem, produzindo um conhecimento específico em relação aos recursos disponíveis e quanto ao seu uso e manejo.

Com o declínio da mineração na região no século passado a Chapada substituiu a atividade mineradora pela extração de bambu para produção de móveis, luminárias e outros suvenires pela agricultura e, mais recentemente pelo turismo que atua como fonte de renda. Com o grande aumento do fluxo turístico na região nos últimos anos, a localidade é vista como uma nova opção para as pessoas que procuram mais tranqüilidade em seus fins de semana ou feriados, tornando necessário o aprimoramento das técnicas utilizadas e da organização dos artesãos.

A prefeitura de Ouro Preto em parceria com a ONG Serra do Trovão, com intermédio do Programa Monumenta (vinculado a UNESCO) idealizaram o projeto: "Projeto de Desenvolvimento e Gestão de Produtos Artesanais de Bambu", englobando também o distrito vizinho de Santo Antônio do Salto (Fonte: site ouropreto.com). Projeto este implantado com o intuito de capacitar os novos artesãos para o trabalho com o bambu, proporcionar o conhecimento para o manuseio adequado dos bambus, e promover a mobilização do grupo para se organizarem de modo a gerir renda para a comunidade (informação oral de um artesão).

Para a realização desse projeto, com início em maio de 2008, foi necessário um contrato de prestação de serviço no qual a empresa contratada, Esfera Consultoria, disponibilizou todo o suporte para o desenvolvimento do mesmo. Apoiou oficinas de capacitação para gestão da atividade de produção, plantio, colheita, manejo e tratamento do bambu. E ainda indicou técnicas de mercado para melhor comercialização e valoração do produto visando uma melhor aceitação e receptividade perante o público.

OBJETIVOS

O presente trabalho teve como objetivo geral efetivar um levantamento de dados sobre a "Bambuzeria Bambu da

Serra” e as relações desta com a comunidade no subdistrito da Chapada. Levando - se em conta a exploração do bambu, e como este pode influenciar na economia e na cultura local. Os estudos também visaram conhecer as espécies utilizadas pelos artesãos, como é feito o manejo e exploração dos recursos por estes.

MATERIAL E MÉTODOS

3.1 - Áreas de estudo

Chapada é um subdistrito pertencente ao distrito de Lavras Novas (6 km), município de Ouro Preto (aproximadamente 15 km), Minas Gerais. Possui um conjunto arquitetônico caracterizado por construções simples, baixas e de relativa semelhança. As casas mais antigas, datadas do início da colonização da região no século XVIII, foram construídas tendo pau - a - pique como matéria - prima e estão distribuídas ao redor do largo da Igreja Santana. É cercado pelas serras do Trovão e da Chapada. (Fonte: site ouropreto.com)

O povoado teve origem com o intuito de servir como pólo minerador, entretanto, casos e lendas relatam que o vilarejo teve origem quilombola como relatado por alguns moradores locais (informação oral). Atualmente, estima - se que a população esteja em torno de 1000 habitantes, sendo que 200 são os que residem fixamente o ano todo, os outros moradores utilizam as casas como veraneio (IBGE, 2007).

No dia 1^o de novembro de 2008 foi realizada uma visita inicial na vila residencial da Chapada, onde está localizada a sede da “Bambuzeria Bambu da Serra” (BBS), com o intuito de levantar informações sobre a exploração, uso e manejo do bambu. Para tanto, uma reunião foi concedida por dois membros da diretoria da “ONG Serra do Trovão” e por um dos organizadores e artesão da Bambuzeria. Dados informais sobre a população local, número de residências e residentes na vila e casas de veraneio foram levantados para dar início ao projeto.

De posse dessas informações sobre a BBS, uma segunda visita foi realizada à Chapada no dia 14 de novembro de 2008. Neste segundo momento o estudo deu início às entrevistas informais, por amostragem aleatória, nos residentes fixos da Chapada e nos coordenadores do projeto da Bambuzeria. As entrevistas foram estruturadas por meio de questionário próprio contendo perguntas sobre o conhecimento da BBS, a importância BBS para a população local, processo de extração, manuseio, idade mínima para o ofício, entre outras.

RESULTADOS

Durante a aplicação do questionário pudemos notar que no subdistrito que inicialmente teria cerca de 1000 habitantes (IBGE, 2007), atualmente somente 50 pessoas moram na vila residencial (informação oral Associação de Moradores da Chapada 2008). Este fato pode ser explicado pela ausência de infra - estrutura do subdistrito. Como na Chapada não possui escola, posto de saúde, bancos, as famílias que possuem crianças tendem a sair da localidade em busca de melhor qualidade de vida. Sendo assim, os habitantes que ainda residem na vila são em grande parte pessoas com

idades superiores há 30 anos, as outras casas são somente para veraneio.

O questionário foi aplicado em 28 pessoas através das entrevistas, em 11 das casas que têm moradores que residem integralmente na vila, ou seja, 50% dessas residências. A grande maioria dos entrevistados (21 pessoas), já possuía conhecimento sobre Bambuzeria. Para os entrevistados que não sabiam da Bambuzeria o questionário foi aplicado parcialmente, uma vez que algumas perguntas estavam vinculadas aos impactos da Bambuzeria.

Todos os moradores que conheciam a BBS consideraram que este projeto é de fundamental importância para a comunidade local da Chapada. Este resultado pode estar relacionado ao fato do projeto significar uma possível fonte de renda para a população e um novo ofício para os jovens, uma vez que eles abandonam a vila para estudar e não regressam por não terem perspectivas de vida. Segundo Recht & Wetterwald (1992), o manejo do bambu é de fácil realização, esta é uma planta que cresce rápido e, se manejado adequadamente, não é preciso replantar, além de ter grande potencialidade para recuperar o solo degradado e ser abrigo para grande diversidade de fauna.

Para os moradores que tinham conhecimento prévio da Bambuzeria, 80 % consideraram que o turismo é importante para a vila, devido à representatividade para a economia do local e divulgação do subdistrito em âmbito nacional e internacional. Isto foi ressaltado, pois, de acordo com os entrevistados, os artesãos venderiam os produtos em feiras, o que de certa forma geraria uma divulgação do local de origem do artesanato, trazendo assim os compradores até a vila onde o artesanato é produzido. Como a Chapada é rica em belezas naturais e históricas, tem pousadas, casas para aluguel de veraneio, bares com apresentações culturais, eventos culinários e artísticos e outros tipos de artesanato (como cachaças, licores e conservas), os visitantes iriam conhecer o que mais a localidade tem a oferecer e isto aprimoraria o turismo e a economia local. Além disso, esses moradores compreendem que o turismo agrega novos valores à cultura local e que a própria cultura da vila é passada para os visitantes e dessa forma valorizada. Como comprovado por Yves (1995), a implementação da bambuzeria proporciona à população de pequenas vilas o aumento no turismo e a valorização da cultura local.

Mesmo com a maioria da população considerando positiva a Bambuzeria Bambu da Serra, 70% destes afirmaram que não gostaria de participar do projeto, devido ao grande número das pessoas que responderam ao questionário já possuem uma ocupação com uma renda mensal fixa, deixando o novo ofício para os jovens da comunidade.

Quando analisados os questionários aplicados com os coordenadores do BBS, observamos que o projeto começou há cinco anos, por iniciativa da ONG Serra do Trovão. Esta ONG realizou uma oficina sobre artesanato com bambu, com o objetivo de ampliar subsídios para a população se manter na vila, de modo que esta seja uma nova fonte de renda para a comunidade. Porém, o BBS só tomou a proporção atual devido a uma segunda oficina, também realizada por iniciativa da mesma ONG em parceria com o SEBRAE, que abrangeu também a comunidade vizinha de Santo Antônio do Salto, outro distrito do município de Ouro

Preto. Nesta oficina, foram tratados de temas como manejo, tratamento e reaproveitamento do bambu, além de ecoturismo, desenvolvimento sustentável e criação de cooperativas. Dessa forma, a BBS conseguiu ampliar a produção de artesanatos e o número de artesãos, oferecendo mais oficinas e divulgando para outras comunidades os resultados destes trabalhos.

Atualmente a Bambuzeria é composta por quinze membros, sendo somente um rapaz com idade inferior a dezesseis anos, por ser considerado um ofício de alto risco devido ao manuseio de ferramentas cortantes, perfurantes e abrasivas, crianças não são aceitas pelo programa. Logo os artesãos são em sua maioria, chefes de família que não utilizam o artesanato como fonte de renda única e/ou principal, mas sim complementar, demonstrando que um dos objetivos da oficina ainda não foi alcançado.

A BBS encontra-se desestruturada, com problemas internos no projeto como, por exemplo, o repasse de dinheiro para pagamento de contas, prejudicando o trabalho e desenvolvimento do grupo. A maioria dos participantes não demonstra iniciativa para formar uma cooperativa que auxilie na manutenção e continuação desse ofício, incentivando a população mais jovem a viver na vila. Por outro lado, a BBS tem como parceiros a Prefeitura de Ouro Preto, a empresa de consultoria Esfera e a ONG Serra do Trovão, que colaboram com a ampliação, reestruturação e continuidade do projeto da BBS.

O plantio do bambu segue as condições climatológicas das estações do ano. No verão e no outono os colmos adultos estão recolhendo energia do sol, estendendo seus rizomas e armazenando os nutrientes dentro deles. Quando chega o inverno a planta entra em um estado de baixo metabolismo, como "hibernação". Chegando a primavera o alimento armazenado é utilizado na produção dos novos brotos e rizomas. No fim do verão podem-se recolher os novos brotos para alimentação, logo a energia armazenada nas raízes do bambu ocorre no inverno e se espalha pelos colmos durante o verão. Tornando o verão a pior época para colher colmos, pois estarão menos resistentes ao ataque de fungos e bactérias. No inverno os colmos estão mais secos diminuindo assim o ataque por parasitas (brocas, carunchos, cupins). O corte de qualquer tipo de bambu é sempre realizado logo acima do primeiro nó (mais próximo da base), onde os colmos têm maior resistência e de maneira a não deixar um "copinho" no toco que permanece no solo. Este efeito de "copinho" é extremamente prejudicial ao bambuzal, visto que o local irá acumular água e apodrecer, comprometendo a saúde de toda a moita. Portanto, cortar sempre deixando o topo fechado (Boehme, 2009). O uso de ferramentas depende da espécie que será coletada. É imprescindível que os cortes sejam feitos corretamente, para evitar possíveis contaminações nas partes que estão rasgadas ou mal cortadas.

Após o corte o bambu precisa ser conservado o maior tempo possível, na Bambuzeria o tratamento utilizado é o do Octaburato de sódio. O Octaburato é um produto químico que é inofensivo, tanto ao meio ambiente, quanto ao homem, tem a aparência de um pó branco, é inodoro, extremamente solúvel em água e comumente utilizado como micro adubo em plantações de frutas (Regis, 2004). Na preparação da espécie *Dendrocalamus giganteus* em trabalhos de lu-

minárias, é utilizado um maçarico, seguido da limpeza com estopa embebida em óleo diesel. Os resíduos produzidos por essa técnica, após várias reutilizações de ambos os produtos, são eliminadas em lixo comum. Não há por parte dos artesãos nenhum tipo de preocupação com esse resíduo, sendo que eles não consideram essa eliminação algo prejudicial ao meio ambiente.

Dos bambus utilizados, a espécie *Dendrocalamus giganteus* é cultivada e manejada nos terrenos das casas dos artesãos, esta espécie é a de maior preocupação para os artesãos, pois o artesanato mais requisitado, e o que gera mais renda, é a luminária que necessita dessa espécie como matéria-prima, e para ser utilizada nesse trabalho é necessário no mínimo cinco anos após a data de plantio até o indivíduo maduro. Alguns artesãos já começaram a manejar outra espécie de bambu, a *Bambusa tulioide* na produção de luminárias, porém essa espécie é escassa na vila. A maioria do bambu utilizado é retirada de terreno particular de outras pessoas da comunidade que não participam da BBS, por este motivo os artesãos têm dificuldades de manejá-los. Os artesãos têm a preocupação de preservar as moitas cercadas, para que os indivíduos possam crescer até a idade necessária para corte, porém, relatam que os mais novos não têm essa consciência e que isto tem se tornado uma preocupação constante no grupo.

É importante ressaltar que, todo o trabalho feito com o bambu pode ter conseqüências drásticas caso o manejo não seja feito corretamente. No caso do plantio de bambus em encostas com o fim do plantio, a área ficará descampada gerando deslizamento do solo, podendo evoluir para grandes voçorocas, soterrar casas e assorear rios. Segundo Recht & Wetterwald (1992), a distribuição dos rizomas faz-se de modo a formar uma malha resistente que reforça a estrutura natural do solo, e por isso, com o fim do plantio, o solo ficará exposto e passível de erosões. Além disso, com o fim do manejo, ocorre a alteração da flora a colonizar o ambiente, criando-se um microclima que abriga outras espécies, modificando a biodiversidade local. Tudo isso acarreta na perda da estrutura original local, uma vez que a fonte de renda é o turismo. Desta forma, o manejo é de extrema importância para garantir a paisagem e o equilíbrio da biodiversidade local.

CONCLUSÃO

Em nossos estudos foi possível observar que os artesãos têm todas as ferramentas para cultivar e manejar as espécies que são utilizadas por eles, mas não têm a articulação devida enquanto um grupo unido, visto que ainda não têm uma cooperativa montada e nem mesmo a iniciativa da maioria para que isto ocorra. Assim, é possível concluir que, inicialmente, para que a BBS se desenvolva é necessário ter uma equipe especializada para acompanhar esse processo de montagem e fixação da cooperativa. Para que futuramente eles possam fazer um trabalho de sensibilização e conscientização dos artesãos mais novos, incentivando-os a utilizar do novo ofício como fonte de renda primária e aprendendo a manejar a matéria-prima que utilizam.

REFERÊNCIAS

- Andersen, A.N.; Hoffmann, B.D. & Somes, J. 2003. Ants as indicators of minesite restoration: community recovery at one of eight rehabilitation sites in central Queensland. *Ecological Management & Restoration*. 4: 12 - 19.
- Arruda, M.B. 1999. Gestão integrada de ecossistemas: a escala da conservação da biodiversidade expandida. Brasília: IBAMA. 11p
- Costa, C.B. 2007. Avaliação da consistência e evolução da reabilitação de áreas mineradas nos aluviões do Rio Jequitinhonha com base nos condicionantes geológicos e na fauna de formigas. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Ouro Preto. 91p.
- Ewers, R. M. & Didham, R. K. 2006. Confounding factors in the detection of species responses to habitat fragmentation. *Revista Biológica*. 81: 117-142.
- Fernandes, E.A.; Cunha, N. R. S. & Silva, R. G. 2005. Degradação Ambiental no Estado de Minas Gerais. *RER*. Rio de Janeiro. 43 (1): 179 - 198.
- Fonseca - Krue, V.S. & Peixoto, A.L. 2004. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ. Brasil. *Acta bot. bras.* 18(1): 177 - 190.
- Izquierdo, I.; Caravaca, F.; Alguacil, M.M.; Herná'ndez, G. & Rolda'n, A. 2005. Use of microbiological indicators for evaluating success in soil restoration after revegetation of a mining area under subtropical conditions. *Applied Soil Ecology*.
- Majer, J.D. & Nichols, O.G. 1998. Long - term recolonization patterns of ants in Western Australian rehabilitated bauxite mines with reference to their use as indicators of restoration success. *Journal of Applied Ecology*. 35:161 - 182.
- Mittermeier, R. & Russel, A. 2000. Hotspots: Earth's biologically richest and most endangered terrestrial ecoregions. Boston: University of Chicago Press. 432p.
- Recht, C. & Wetterwald, M.F. 1992. Timber Press Bamboos - Portland, Oregon, USA.
- Santos, T.C.C. & Câmara, J.B.D. 2002. Geo Brasil 2002, perspectivas do Meio Ambiente no Brasil. Brasília: Edições IBAMA. 447p.
- Site Bambu Brasileiro. <http://www.bambubrasileiro.com> (acessado em 17 de novembro de 2008)
- Site IBGE. <http://www.ibge.gov.br> (acessado em 17 de novembro de 2008)
- Site ouropreto.com. <http://www.ouropreto.com.br> (acessado em 17 de novembro de 2008)
- Tabarelli, M.; Pinto, L.P.; Silva, J.M.C.; Hirota, M.M. & Bedê, L.C. 2005. Desafios e oportunidades para a conservação da biodiversidade na Mata atlântica brasileira. *Megadiversidade*. 1(1): 7p.
- Viu, A.F. M.; Campos, L.Z.O.; Viu, M. A.O. & Santos, C.S 2007. Universidade Federal de Goiás, Etnobotânica e preservação do bioma Cerrado no município de Jataí-GO. *Rev. Bras. de Agroecologia* outubro de 2007 Vol.2 No. 2.
- Yves, C. 1995. La Bamboueraie Catalogue général - Pépinières de la Bamboueraie-Préfrance, Anduze. França.
- Zhourri, A.; Barbosa, R.S.; Anaya, F.C.; Araújo, E.C.; Santos, F.D. & Sampaio, C. 2008. Processos socioambientais nas matas secas do norte de Minas Gerais: políticas de conservação e os povos do lugar. *Revista MG Biota* 1 (2): 11 - 27.